

PINTANDO O SETE(XO) NAS PAREDES DA ESCOLA¹

PAINTING THE SEVEN(XO) ON THE SCHOOL WALLS HACER

UNA PINTADA EN LAS PAREDES DE LA ESCUELA

Maria José Souza Pinho²  Marihen de Souza Nogueira³ 

Resumo: Quando adentramos num Programa de Pós-graduação nos conectamos por meio da investigação, e aprendemos a ver com outros olhos o cotidiano escolar. Um simples desenho nas paredes das escolas nos convida a um viés interpretativo a partir das teorias estudadas. Assim, frases, palavras e desenhos ligados às questões de gênero e sexualidade, presentes nas escolas, precisam ser problematizados, a fim de compreender os fenômenos envolvidos. A construção desse artigo tem como objeto grafismos com teor sexual, encontrados em uma escola estadual. O objetivo é analisar esses grafismos compreendendo sua relação com aspectos da cultura escolar, a partir dos estudos feministas. A análise das imagens e dos textos teve um caráter interpretativo e crítico, relacionando-os com os referenciais teóricos, concluindo, assim, que o gênero e a sexualidade afloram nas paredes escolares, como forma de expressão do vivido.

Palavras-chave: Grafismo; Gênero; Sexualidade; Cultura Escolar.

Abstract: When we enter a Graduate Program, we connect through research and learn to see the school routine with different eyes. A simple drawing on the walls of schools invites us to an interpretative bias based on the theories studied. Thus, phrases, words and drawings related to gender and sexuality issues present in schools need to be problematized in order to understand the phenomena involved. The construction of this article has as object graphics with sexual content found in a state school. The aim is to analyze these graphics, understanding their relationship with aspects of school culture. The analysis of the images and texts had an interpretative and critical character, relating to the theoretical references, thus concluding that gender and sexuality emerge on school walls, as a form of expression of the lived.

Keywords: Graphics; Gender; Sexuality; School culture.

Resumen: Cuando ingresamos a un Programa de Posgrado, nos conectamos a través de la investigación y aprendemos a ver la rutina escolar con otros ojos. Un simple dibujo en las paredes de las escuelas nos invita a un sesgo interpretativo a partir de las teorías estudiadas. Así, frases, palabras y dibujos relacionados con las cuestiones de género y sexualidad presentes en las escuelas necesitan ser problematizados para comprender los fenómenos involucrados. La construcción de este artículo tiene como objetos, gráficos con contenido sexual encontrados en una escuela pública. El objetivo es analizar estos gráficos, entendiendo su relación con aspectos de la cultura escolar. El análisis de las imágenes y textos tuvo un carácter interpretativo y crítico, relacionándose con los referentes teóricos, concluyendo así que el género y la sexualidad emergen en los muros escolares, como una forma de expresión de lo vivido.

Palabras clave: Gráficos; Género; Gexualidad; Cultura escola.



²Mestre em Educação (UFBA). Especialista em Docência do Ensino Superior (UCAM). Licenciada em Ciências Biológicas (UCSal). Professora Adjunta (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa GEEC- Grupo de Estudos em Educação Científica. mjpinho@uneb.br

³Mestranda em Educação e Diversidade UNEB-Universidade do estado da Bahia, Jacobina-Bahia,Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino de História (FAC). Graduada em História (UNEB). Professora da rede pública (SEC-BAHIA) Grupo de pesquisa: GEEC -Grupo de Estudos em Educação Científica. marihenrosa@hotmail.com

¹O título faz alusão ao ditado popular "pintando o sete", que se refere às crianças muito ativas. O trocadilho da palavra sete por sexo justifica-se pelo presente estudo tomar como ponto de partida os grafismos sobre gênero e sexo pintados nas paredes das escolas.

Introdução

As palavras, os textos e os desenhos que compõem os grafismos, feitos nas paredes das escolas, sempre chamam a atenção, muitas vezes, pelo seu teor sexual e por expressarem desejos sexuais comunicando o que aflora nos corpos dos estudantes que os produzem. Nesse artigo, visamos a problematizá-los e compreendê-los, seja devido à persistência dos grafismos, passando de geração em geração, ou pela existência deles ainda que diante do contexto atual de silenciamento das questões de gênero e sexualidade na escola e perceptíveis em documentos oficiais do Ministério da Educação. Um deles é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada para a etapa do Ensino Médio em 2018, prevendo as aprendizagens para a Educação Básica. No que se refere à presença da palavra ‘gênero’, ela é descrita no sentido do gênero textual, gênero literário ou gênero musical, bem como a palavra ‘sexualidade’, delineada em sua dimensão biológica na área de Ciências da Natureza, com ênfase na fisiologia e na anatomia do corpo humano, e específica para ser trabalhada com discentes do 8º ano do Ensino Fundamental. Assim, notamos a ausência dos conceitos, relacionando-os a outras áreas do conhecimento e em outras séries.

O silenciamento gritante e o apagamento das questões de gênero e de sexualidade na BNCC não impedem sua expressão corporal, nem a produção dos grafismos, assim como não desaparecem da escola, já que são aspectos da nossa construção, enquanto seres humanos, e indispensáveis para compreender as relações e as hierarquias que organizam a escola e toda a sociedade brasileira, pois somos atravessados constantemente pelo gênero, pela sexualidade, pela raça/etnia e pelos aspectos sociais que nos compõem.

É importante destacarmos que foi preciso abandonar julgamentos de valores que sempre se apresentam quando o tema é gênero e sexualidade. Essas expressões são entendidas aqui como subversivas, transgressoras, como uma mensagem subliminar e não como parte de atos de vandalismo, pois essa dinâmica é importante diante das análises de grafismos elaborados com forte apelo sexual. Os grafismos expõem os órgãos sexuais masculinos e femininos e apresentam mensagens sexuais sem pudor, numa fase de descoberta do corpo e da sexualidade dos estudantes do ensino médio. Esses desenhos de partes desses corpos sexualizados compõem uma visualização da intimidade exposta publicamente numa parede-tela. Não pretendemos neste texto discutir o uso dos grafismos como dispositivo pedagógico na escola, até porque eles persistem alheios ao contexto educacional de silenciamento, mas sim compreendê-los como aspectos da cultura escolar que se pretende invisibilizar, repreendendo ou punindo os autores e as autoras, sem problematizar essas expressões, apagando-as com água e sabão ou cobrindo-as com tinta. Os grafismos são compreendidos como elementos potenciadores ou geradores de um possível debate e discussão sobre gênero e sexualidade que, ao acontecer na escola, elucidam as informações possibilitando que os estudantes possam viver plenamente sua vida sexual com conhecimento e liberdade.

Essas imagens e textos que são frequentemente apagados e silenciados, devido ao seu conteúdo sexual, mesmo assim, retornam às paredes das escolas como expressões que subvertem a ordem estabelecida, escritos que necessitam de uma ampliação para além da imagem e um olhar dedicado para decifrar o discurso, uma vez que esse se encontra na exterioridade. Esse tipo de análise visa a romper as estruturas linguísticas, procurando descobrir, desocultar e descortinar o que está por trás da imagem, do texto e da mensagem (Orlandi, 2007).

O termo grafismos, com base em Vilhena (2020), corresponde às mensagens grafadas nas paredes das escolas, na maioria das vezes, nos banheiros. Os grafismos analisados nesse texto não foram localizados nos banheiros que é um “[...] espaço de exibição de corpos fragmentados que exprimem desejos eróticos e sexuais os quais precisam ser (re)significados” (Vilhena, 2020, p.26), mas, ainda assim, são representativos. Nos banheiros dessa escola não foram identificados grafismos, isso causou surpresa ao adentrar esse espaço íntimo, a ausência de grafismos tão comuns nesse lugar. Por certo, ter as paredes dos banheiros dessa escola pintadas com um material semelhante à tinta a óleo não possibilita facilmente a realização de desenhos ou dizeres nesse espaço.

Os desenhos e imagens analisados foram grafados nas paredes do corredor de acesso ao pátio, feitos com materiais de fácil acesso pelos autores e autoras, como caneta, lápis grafite e hidrocor e em meio a grafites e pinturas realizadas em ações pedagógicas pela escola. Todos os grafismos aqui reunidos foram encontrados numa mesma escola pública estadual, essa terá seu nome preservado por questões éticas, e as imagens foram

captadas com o uso do celular.

Os grafismos foram fotografados no mês de outubro de 2022 e categorizados a *posteriori* em três grupos. No primeiro grupo, com o subtítulo: “Subvertendo a ordem”, destacam-se expressões de afetamentos para autores e autoras. No segundo grupo, “Lugar de mulher é onde ela quiser”, realça a possibilidade de ocupar espaços e corpos. E, no terceiro bloco, com o subtítulo: “Pintando o sexo: a sexualidade aflora”, são analisados os grafismos com teor sexual e exaltação de órgãos sexuais masculinos e femininos.

O artigo é uma análise interpretativa crítica dos grafismos relacionando-os com referenciais teóricos na perspectiva dos estudos feministas e decoloniais de Adichie (2014). Para compreender a cultura escolar, foi necessário recorrer aos estudos de autores e autoras que se debruçam sobre o tema como Vidal (2021), Monteiro (2005), Julia (2001) e Forquin (1993). No entendimento sobre grafismos, Vilhena (2020), Vilhena e Bricio (2021) e Cunha e Silva (2016) se constituíram numa fonte de interpretação para a análise dessas expressões. Na elucidação da relação entre cultura escolar e heteronormatividade, há as análises de Junior (2022) e a relação escola, gênero e sexualidade, os escritos de Louro (1997) e Fagundes (2023).

Subvertendo a ordem

O contato com os grafismos aconteceu durante o primeiro turno das eleições presidenciais, quando a escola funcionou como colégio eleitoral de uma campanha política bastante polarizada em nosso país. O cenário dessa eleição tinha em um dos candidatos à reeleição a representação de um retrocesso das políticas de gênero, com falas e ações preconceituosas, inclusive sua visibilidade no cenário político foi alcançada disseminando Fake News sobre o Programa Brasil sem Homofobia.

Nessa escola, as belas e expressivas pinturas que ocupam boa parte das paredes são imagens e palavras expressando, entre tantas coisas, a luta contra o *bullying*, o racismo e o machismo, configurando-se em um ativismo visual de empoderamento feminino, transmitindo mensagens em busca da equidade de gênero e liberdade corporal (Figura 1). Esse *slogan* feminista, veiculado em vários países, frisando a autonomia do corpo feminino e a luta pelo direito de decidir sobre ele, é uma luta contra o patriarcado, que gera violências contra as mulheres e são realidades constantes, pois, em muitos casos, o corpo da mulher é entendido como um espaço público que pode ser tocado sem permissão ou que as decisões sobre ele, como a laqueadura e o aborto, são tomadas pelos homens, configurando esse corpo como um lugar de exercício do poder patriarcal. Fagundes (2023) relembra que o patriarcado, sistema mais antigo que orienta relações sociais, garante a subordinação da mulher ao homem, e a partir do Século XVI veio somar-se ao capitalismo, instituindo a hierarquização de poder dos homens sobre as mulheres nas relações de produção, de trabalho e de controle do corpo.



Figura 1 - Meu corpo minhas regras / Autoria desconhecida

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Poderíamos ter observado apenas o que parece ser eleito para ser transmitido naquele momento e espaço, exaltando a posição daquela escola diante do contexto de pautas feministas e direitos humanos, posicionando-se como consciente do seu papel social para além de escola pública mantida pelo Estado, com a função inicial de escolarização dos saberes construídos historicamente pela humanidade, conforme analisa

Vidal (2021).

Já seria um estudo riquíssimo entender como essas telas coloridas com palavras em letras maiúsculas foram elaboradas e executadas, quais as propostas pedagógicas presentes e todo o contexto sócio-histórico e político, como se discute o empoderamento feminino e o combate ao machismo durante a atividade (Figura 2).



Figura 2 - Feminismo em punho / Autoria desconhecida

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Os estudos de gênero e sexualidade ensinam, entre tantas coisas, a gostar do silenciado, do não dito, do oculto e, nesse caso, do que aparece nas entrelinhas, do interdito, do subversivo e as práticas feministas decoloniais nos ensinam constantemente a “ler o mundo desde outros referenciais epistêmicos e cosmovisões para fraturar o pensamento moderno colonial” (Cardoso; Silva, 2021, p. 29) e nos convidam constantemente a fazer o movimento de reflexão e ação pedagógica (Abreu, 2020), identificando as potências e as fragilidades da prática educativa e de todo o contexto educacional.

A citação de Paulo Freire (Figura 3A) e os grafites de Frida Kahlo (Figura 3B), efetuados pelos estudantes, deixam o espaço escolar mais aconchegante e transmitem mensagens positivas, por meio do entendimento sobre educação e liberdade.



Figura 3 – A - Paulo Freire / Autoria desconhecida

B- Frida Kahlo / Autoria desconhecida

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Ao mesmo tempo, destacamos grafismos (Figura 4A) que denunciam o silenciamento das questões de violência na escola por meio do *bullying* ou quem sabe por temas proibidos no contexto escolar (Figura 4B). Inferimos que a Campanha de Empoderamento das Mulheres e Enfrentamento ao Machismo, medida estabelecida pela Portaria nº 519/2022, publicada pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, pode ter sido o mote disparador de ações pedagógicas visando a conscientizar os estudantes sobre os direitos das mulheres e sobre o combate ao machismo que tem fortes raízes sócio-históricas em nossa sociedade. Essa campanha e a Criação do Comitê Multidisciplinar de Mobilização para o Empoderamento das Mulheres e Enfrentamento ao Machismo é um reconhecimento da necessidade urgente de ações educativas de combate ao machismo, as desigualdades de gênero e sexuais, a desconstrução da masculinidade e sobre a importância de empoderar as mulheres, tendo como aliada práticas no contexto da educação escolar. O que tem sido feito de concreto e quais as práticas pedagógicas elaboradas no sentido de alcançar os objetivos propostos, ou

como os professores e professoras têm recebido formação continuada para efetivar essa portaria, são questionamentos que necessitam de uma pesquisa mais apurada.



Figura 4 - A - Stop Bullying / Autoria desconhecida

B – Denuncie / Autoria desconhecida

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O que foi possível perceber na leitura desses grafismos é a existência de ideias e concepções que não se contentam com o que está posto e expressam o combate a todas as formas de violências e opressão e a forte relação de poder existente nessa configuração de sistema educacional que temos.

Lugar de mulher é onde ela quiser

É na escola que aprendemos diversas normas de comportamentos: levantar a mão para falar, permanecer sentado, horário de entrada, de saída, de merendar, lugares onde os estudantes têm livre acesso, como a sala de aula, lugares que são destinados a professores e professoras, banheiros masculinos e banheiros femininos. Nesse movimento a escola acaba por produzir cultura e saber, não sendo apenas um lugar para reproduzir conhecimento.

Ao ensinar modos de comportamento, a escola ensina também sobre gênero e sexualidade de modo explícito ou oculto, pois “[...]todos os artefatos culturais - novelas, revistas, legislação, mídias sociais, livros escolares, propagandas, notícias, imagens, políticas públicas são portadores de pedagogia da sexualidade e do gênero”, como analisa Seffner e Picchetti (2022, p. 29). Tem gênero e sexualidade nas atividades físicas, nos corredores, nas práticas pedagógicas, nos livros didáticos, nas apresentações escolares. Muitos desses saberes estão imersos em práticas heteronormativas e sexistas que consideram como norma aspectos da sexualidade heterossexual, silenciando quem transgride essa norma. Em *Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no ensino médio*, Junior (2022, p.75) afirma que:

É muito raro encontrar uma escola que tenha em sua cultura tanto uma prática de reflexão e investigação quanto questões que estejam relacionadas a outras possibilidades de gêneros e sexualidades que não correspondem a heteronormatividade (Junior, 2022, p. 75).

As práticas heteronormativas consideram o fato de ser hétero, ou seja, relacionar-se sexualmente com pessoas do sexo oposto, como uma norma aceita e reproduzida em discursos e práticas que caminham juntos com aspectos da cultura escolar. Segundo Junior (2022), as outras possibilidades de vivenciar o gênero e a sexualidade além da possibilidade hétero encontram no ambiente escolar resistências devido ao fato de a cultura escolar encontrar-se consolidada e concretizada dentro da estrutura de poder heteronormativa. Essas resistências compõem o que Louro (1997, p. 57) chama de espaços físicos e simbólicos no ambiente da escola:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas (Louro, 1997, p. 57).

A cultura escolar é uma ferramenta teórica de análise da escola e da sociedade, do tempo e do espaço escolar e da cultura material, bem como dos sujeitos escolares envolvidos ou afetados pela escola. Portanto, é importante analisar a cultura escolar dentro de seu espaço e do tempo para que não ocorram anacronismos. Os grafismos, ao mesmo tempo, refletem o tempo presente de produção deles, como eles não têm datação

específica, mas foram encontrados em bom estado de conservação e tendo em vista que são apagados com frequência, supomos que tenham sido realizados entre 2020 e 2022, ou logo após o retorno das aulas presenciais, após a pandemia de Covid, quando as aulas eram remotas.

A cultura escolar é considerada pela historiadora Diana Gonçalves Vidal (2021) como híbrida, pois abarca sujeitos que, ao mesmo tempo, reivindicam a tradição da cultura escolar e clamam pela inovação. Essa discussão sobre cultura escolar tornou-se possível a partir dos anos de 1960, quando a cultura aparece como problema de investigação acadêmica em função de mudanças sociais, com o advento do conceito antropológico de cultura, como objeto de estudo. Nesse sentido, as práticas escolares questionam como os sujeitos vivenciam a escola e como a escola controla tais práticas.

Para compreender os grafismos como produto da cultura escolar é importante questionar por que os sujeitos os realizam e como eles entendem a escola como lugar para expor esses anseios sexuais (ou não), não seria um apelo para que a escola traga como pauta de discussão o gênero e a sexualidade, minimizando as dúvidas e questionamentos em torno da temática? Ou seria a maneira encontrada pelos estudantes para falar sobre esse assunto, silenciado e perseguido dentro da escola, mas, ainda, evidente entre eles?

De acordo com Vidal (2021), a cultura escolar não é estável, mas produzida na tensão entre grupos e nas diferentes expectativas existentes sobre a função social da escola. Assim, nesse movimento de tensão entre a sociedade e a escola, há um bom tempo, as questões relacionadas a gênero e à sexualidade têm sofrido um ataque de interpretações erradas e reducionistas, pautadas na defesa da moralidade e dos valores da família tradicional. Esses ataques são mais raivosos ainda quando relacionadas à atividade educativa nas escolas, quando recentemente o banheiro unissex ou neutro se tornou pauta de discussão eleitoral. O banheiro unissex ou neutro, sem gênero, seria uma terceira opção para quem não se identifica com o binarismo do gênero masculino e feminino imposto pela sociedade patriarcal e heteronormativa. É uma possibilidade de acolhimento à população transgênero que sofre constantes agressões verbais, psicológicas e até mesmo físicas por não seguirem o perfil sexual e de gênero hegemônico na sociedade.

Apreciar as pinturas, os grafites e os desenhos, além de um exercício de percepção de aspectos artísticos, é um ato que rompe as pedagogias tradicionais que coisificam os sujeitos, apontando possibilidades de romper com a lógica sexista e compreender os grafismos como potência.

No contexto de tantos casos de feminicídio, o Brasil registrou 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, sendo que 495 terminaram em morte, segundo dados do levantamento “Elas Vivem: dados que não se calam” (Rede de Observatório da Segurança, 2023), o posicionamento da escola em relação ao machismo é relevante e fundamental. Nesse sentido, trazemos para análise este grafismo da figura 5, particularmente por entendermos a estreita relação entre o feminicídio e os aspectos históricos do machismo perpetuado pela sociedade patriarcal.

A frase feita com letras maiúsculas na cor preta: “Diga não ao machismo” tornou-se mais interessante ao perceber as palavras escritas ao lado do “Fora Comunas” e um desenho que parece ser a representação de duas pernas humanas (lado direito) e um rosto logo abaixo (lado esquerdo).

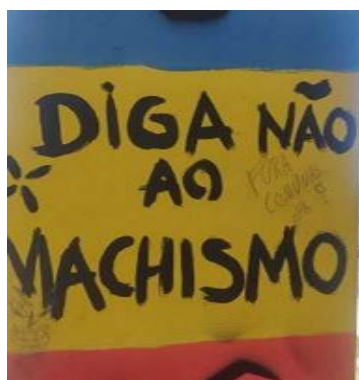


Figura 5 - Diga não ao machismo / Autoria desconhecida
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

As possibilidades criadas pelos estudantes para subverter a ordem estabelecida visavam a buscar

maneiras de comunicar o silenciado, de expressar dentro da mesma lógica e com eles, artifícios, pensamentos, sentimentos e sensações. A escola não é somente um lugar onde o conhecimento é transmitido, como mostra Julia (2001, p. 14), é, ao mesmo tempo, e, talvez, principalmente, um lugar de “inculcação de comportamentos e de habitus”, como os comportamentos relacionados à sexualidade e ao gênero que aparecem nas paredes da escola, compondo expressões visuais dos estudantes dentro da cultura escolar.

Esse grafismo não só evidencia uma oposição ao pensamento eleito para ser expresso pela escola ao se posicionar contrária ao machismo, como demonstra a existência de ideias controversas dentro do ambiente escolar e como a canalização das falas presentes na luta de forças e disputas de narrativas dos discursos de poder, o que poderia ser potencializado em discursos em sala de aula, incentivando o levantamento de opiniões argumentadas. O termo “Comunas”¹ é uma forma abreviada de que ou quem é comunista. Supomos que seja mais um adjetivo usado para minimizar a luta feminista e associar a uma visão reducionista do que os estudantes entendem por ser comunista ou ser de esquerda.

Nossa sociedade é historicamente organizada em torno das questões de gênero e sexualidade, “[...] as relações de gênero fazem parte constitutiva de nossa sociedade, cotidiano e subjetividades, todos constituindo uma cultura profundamente generificada e sexualizada” (Seffner; Picchetti, 2022, p. 25).

Para Seffner e Picchetti (2022, p. 24), essas questões estão na escola “quer se fale sobre isso ou não”, na sala de aula, nos conteúdos escolares, impressa nos corpos daqueles que compõem escola, sendo silenciadas ou expressas nas paredes.

O que fica evidente no grafismo “Tem louça na pia” e nos parece uma resposta “Vá lavar, então” (Figura 6) é a ideia de que as atividades domésticas são de obrigação feminina e que as mulheres pertencem apenas ao espaço privado do lar.



Figura 6 - Tem louça na pia - vá lavar então / Autoria desconhecida
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

“Tem louça na pia” parece ter sido escrito para as meninas/mulheres estudantes, diante de discussões sobre espaços femininos, empoderamento ou igualdade de gênero, numa negação do direito conquistado cotidianamente com luta constante para que elas possam participar de outros lugares de poder. E como forma de ativar o diálogo, alguém contrapõe: “Vá lavar, então”, mostrando que alguém já compreendeu que as atividades domésticas devem ser realizadas por todos, independente do gênero, ou seja, os grafismos intertextualizaram-se.

Embora a resposta sinalize o empoderamento de algumas meninas/mulheres e a consciência sobre a necessidade de luta por igualdade de gênero, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que ainda são as mulheres que realizam a maioria das atividades domésticas, inclusive nas escolas, como merendeiras, e nos serviços de limpeza, demarcando como a cultura escolar está imersa de pontos de vista sobre o que ser mulher e que espaços podem ocupar (IBGE, 2020).

Nesse sentido, o IBGE, em levantamento divulgado em 2020 sobre outras formas de trabalho, constatou o pensamento presente no grafismo que remete às atividades domésticas (Figura 5), pois são realizadas, na

⁴<https://dicionario.priberam.org>

maioria, pelas mulheres (IBGE, 2020). São as mulheres que dedicam, em média, 21 horas semanais aos

afazeres domésticos, “trabalho invisível” não remunerado, enquanto entre os homens a média é de 11 horas semanais, um forte indício da desigualdade de gênero nas atividades domésticas, entre elas, lavar pratos, gerando uma sobrecarga que resulta na dificuldade das mulheres em ocupar espaços públicos e de poder, pois ainda precisam lutar contra essa construção social. Se tomarmos essas posturas como exercício de uma masculinidade hegemônica, “[...] aquelas que compreendem um padrão de papéis e práticas que possibilitam a dominação dos homens sobre as mulheres” (Fagundes, 2023, p. 3), ainda temos muitos desafios dentro das escolas em prol de educar para viver a sexualidade.

Esse “diálogo” no grafite evidencia que para além da cultura escolar existe aquilo que Forquin (1993, p.15) chamou de cultura da escola, ao se referir àqueles aspectos produzidos na escola e marcados pela reciprocidade e complexidade: “[...] tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”.

A cultura que a escola elege como norma é transmitida por meio da educação, dos projetos, dos currículos imersos de interesses sociais, políticos, econômicos e culturais, e, portanto, heterossexuais. Seja a cultura escolar ou a cultura da escola, elas produzem gênero mesmo quando não contempla essas discussões em seus planejamentos. O gênero pode (r)existir, por exemplo, no imaginário em torno das próprias discussões dos estudantes sobre gênero, nas conversas nos corredores e expresso de modo objetivo ou subliminar nas paredes. Seffner e Pichetti (2022) abordam sobre a importância do debate das questões de gênero e sexualidade na escola, principalmente, pelo fato de a escola ser obrigatória e, muitas vezes, um dos únicos locais fora de casa onde crianças e adolescentes frequentam podendo representar um espaço para sanar dúvidas e fazer denúncias de abusos e violências.

O cotidiano escolar é vivo, pulsante e aflora questões de gênero e sexualidade presentes nos corpos dos que a compõem, assim como a cultura em que se encontra, e não falar de gênero não impede que o gênero seja fundante das relações sociais. A sociedade está estruturada em torno de divisões de gênero, a distribuição do poder, as oportunidades e os privilégios. Gênero e sexualidade são alguns dos marcadores sociais da diferença e do poder, como raça, cor e aspectos sociais e esses grafismos podem ser geradores de muitas discussões na sala de aula em busca de uma transformação social.

Destarte, recorreremos à urgência em Educar em Sexualidade para contribuir na construção das identidades que se interseccionam com as tantas outras, para o respeito à diversidade e para a noção de que as pessoas são múltiplas e únicas ao mesmo tempo. Compreender desde cedo que as diferenças sexuais e anatômicas entre os corpos de mulheres e homens não devem ser objetos de poder e dominação, mas um lugar de manifestações afetivas (Alves, *et al.*, 2020).

Pintando o sexo: a sexualidade nas paredes da escola

As questões sobre sexualidade, gênero e diversidade apresentam avanços e retrocessos nas práticas pedagógicas e nos documentos norteadores da educação, por entender que estão ligados ao contexto político e vêm sofrendo intervenções de grupos religiosos e conservadores da sociedade.

Louro (1997) compreende que gênero e sexualidade são construídos culturalmente, carregando a historicidade e o caráter provisório das culturas como relações de poder, hierarquias, subordinações e distinções e menciona a escola como uma instância importante na construção dos gêneros e das sexualidades por meio de suas práticas e aprendizados, e que pode ser vista como um espaço para a construção ou a manutenção das desigualdades.

Quando em 2004 o governo federal elaborou o programa Brasil sem homofobia, com o objetivo de promover a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), esse programa foi apelidado pejorativamente de Kit Gay e foi alvo de crítica pelos setores ultraconservadores e evangélicos, numa demonstração política de retrocesso em relação a essas discussões.

Como dito anteriormente, o retrocesso notado na BNCC em relação às questões de gênero e sexualidade reverbera no planejamento pedagógico da escola, ao não trazer esse debate e, assim, aparece outro discurso: a omissão que acaba ensinando de forma subliminar o não dito, ocultando a violência, o preconceito e a desigualdade. O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em

meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar de forma implícita.

Apesar dessa constatação, de todo o contexto histórico de apagamentos e silenciamentos, os grafismos nas paredes da escola apontam para a sexualidade que vibra entre os estudantes na fase de adolescência, puberdade e descobertas de desejos sexuais, desafiando esse contexto ao pintar o sexo nas paredes da escola.

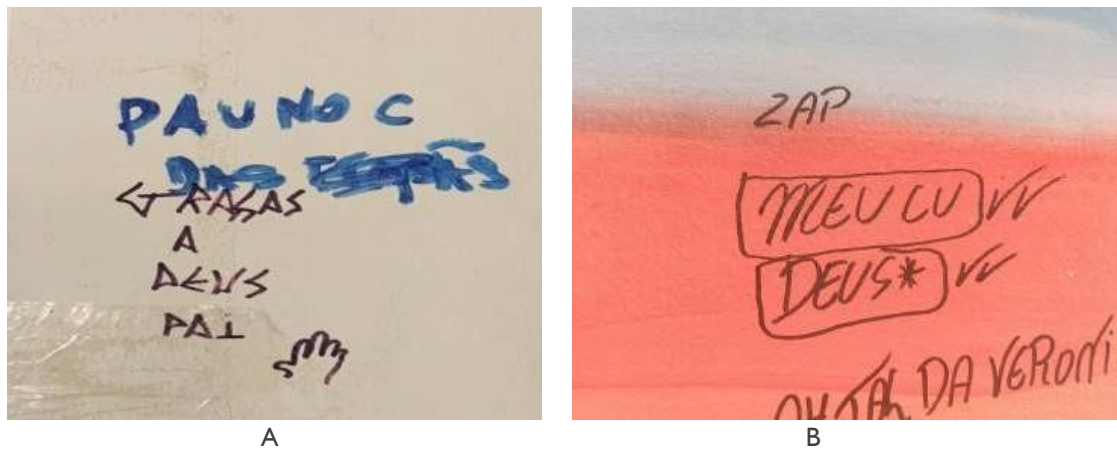


Figura 7 - A - Pau no c / Autoria desconhecida B- Zap meu cu Deus / Autoria desconhecida
Fonte: arquivo pessoal (2022).

Para Vilhena (2020, p. 12), as mensagens e as imagens dos grafismos contestam a moralidade das pessoas e o conservadorismo, ao constituírem as “vias de escape para transgredir a ditadura de corpos hegemônicos”. O mesmo autor, ao analisar os grafismos nos banheiros de escolas, já ressaltava que esses grafismos expressam desejos sexuais e remete a práticas de relações anais. Como nos grafismos encontrados (Figura 7A e 7B), a palavra “cu” aparece uma vez abreviada e outra completa e acompanhada da palavra “Deus”. Há um discurso sexual, mas também um discurso reafirmando valores religiosos e tais desenhos nos parecem ser uma enquete com marcações selecionando a opção ou uma alusão às mensagens no aplicativo de conversa WhatsApp, sinalizando o recebimento da mensagem. Qual seria a intencionalidade de tais correlações? Independente da mensagem que seu produtor espera transmitir, o sentido ganha autonomia do receptor da mensagem a partir da sua interpretação e da interação com tantas outras significações.

Os grafismos foram usados para expressar desejos sexuais ou uma tentativa de estabelecer um diálogo sobre o assunto.



Figura 8 – A - Já pode gozar / Autoria desconhecida B - Tranzaria cmg? / Autoria desconhecida
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Ao expressar os dizeres: “Já pode gozar” ou “transaria comigo?” (Figura 8A e 8B), o(s) autor(es) ou autor(as) expõe(m), no espaço público, desejos íntimos e compartilham, entre os colegas estudantes que frequentam o espaço escolar, onde esses grafismos foram realizados, aspectos sexuais de desejo e prazer. O desejo é entendido como um processo que varia com a intensidade dos acontecimentos, especialmente, nessa

fase da puberdade.

As palavras são acompanhadas de elementos não verbais (Figura 9A/9B), ao lado da frase “Já pode gosar”, tem o que supostamente é uma boca simulando um sorriso, o que leva à percepção do autor ou autora de que o ato sexual pode proporcionar prazer, bem-estar, assim como na pergunta “Transaria comigo?” (Figura 8B), que tem um desenho acima, à direita, que remete ao mal, como se ao escrever a pergunta o autor ou autora teria consciência de que extrapolou, com o questionamento, o pudor e as normas estabelecidas.

Os grafismos trazem um forte teor sexual ao exaltar os órgãos sexuais externos, como nos grafismos com a frase “Tô di busseta dura” (Figura 9A), usando o nome popular da vagina, órgão sexual feminino, e a palavra “bunda” (Figura 9B) com um desenho representativo dessa parte do corpo.

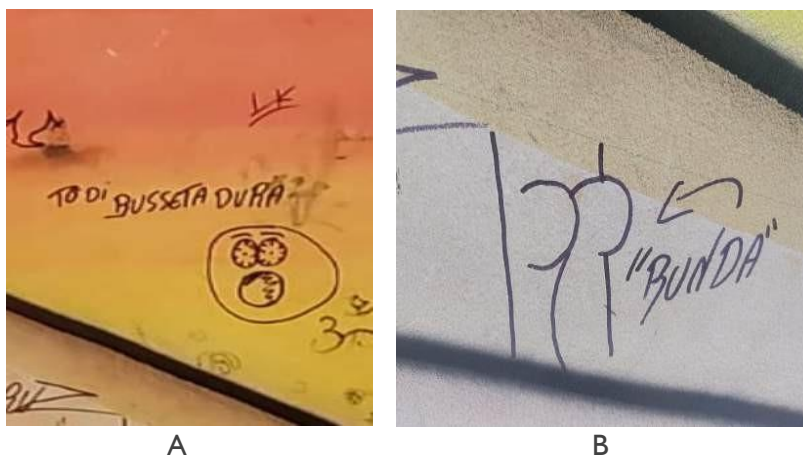


Figura 9 – A - To di busseta dura / Autoria desconhecida B - Bunda / Autoria desconhecida
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Os grafismos seguem burlando a lógica do silêncio em torno do gênero e da sexualidade na escola e apontam como a possibilidade de uma fissura, uma rasura de transgressão à norma instituída na escola, materializando o cotidiano escolar como um “local de disputa, discursos e vivências em torno das relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar e na cultura constituída pela norma” tal qual enfatiza Louro (1997).

(In) Conclusões

A análise dos grafismos nos permitiu compreender como os estudantes buscam subverter a ordem estabelecida, refletindo tensões sociais e culturais no ambiente escolar.

Ainda há muito a ser explorado sobre como a sexualidade e o gênero se manifestam nas paredes das escolas, o que abre diversas possibilidades de estudos futuros. Esse campo permite ampliar a discussão ao cruzar informações e investigar quem são os estudantes responsáveis por esses grafismos, além de problematizar como a escola reage a essa forma de expressão e o que faz com ela.

Seria necessário ouvir todos os membros da comunidade escolar, sem adotar um olhar punitivo, e entender que os grafismos presentes nas paredes, tão comuns em diversas escolas, refletem a expressão de corpos que, de maneira revolucionária, manifestam suas questões e dúvidas sobre sexualidade por meio da arte. Esses desenhos não são apenas manifestações estéticas, mas também sinais de um processo de questionamento e descoberta. Ao revisitar nossas interpretações de mundo, somos levadas a questionar as escolhas da escola sobre quais imagens são reproduzidas em seu espaço e quais são apagadas ou silenciadas.

Numa perspectiva feminista decolonial de combate às violências de gênero, os grafismos na escola potencializam o debate sobre gênero e sexualidade. Eles retratam corpos sexualizados e marcados pela cis-heteronormatividade, refletindo as dinâmicas de poder e diversidade presentes nesse espaço.

Entendemos a escola como um espaço não apenas de aprendizado científico, mas também de transmissão de normas de comportamento e cultura, desde as práticas pedagógicas até as interações cotidianas entre os estudantes, refletidas em diferentes compreensões por meio das imagens registradas aqui.

Referências

ABREU, J. J. V. de. *Masculinidades na cultura escolar dos cursos de licenciatura em pedagogia de instituições públicas e privadas de Teresina – PI*. 203 f. Doutorado, Teresina biblioteca depositária: biblioteca setorial do CCE/UFPI educação instituição de ensino: Fundação Universidade Federal do Piauí. 2017.

ABREU, L. O. *Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil*. 270 f. Universidade do Estado da Bahia – Uneb. Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade - PPGED, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, Jacobina-Ba.

ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALVES, A.; TORRES, C. V.; PINHO, M. J. S., FAGUNDES, T. C. P. C. Prazer sexual em tempos da covid-19: celebrando o dia mundial de saúde sexual 2020, com a World Association For Sexual Health e a Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana. *RBSH*, v. 2, n 31, p. 36-45, 2020.

ALVO DE BOLSONARO, BANHEIROS UNISSEX JÁ É REALIDADE. São Paulo: Gazeta de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/brasil/alvo-de-bolsonaro-banheiro-unissex-ja-e-realidade-em-varias-empresas/1116043/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BAHIA INSTITUI A CAMPANHA DE EMPODERAMENTO DAS MULHERES E ENFRENTAMENTO AO MACHISMO NA REDE PÚBLICA DE ENSINO. Leis Estaduais, Bahia, 2022. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-14452-2022-bahia-institui-a-campanha-de-empoderamento-das-mulheres-e-enfrentamento-ao-machismo-na-rede-publica-de-ensino-do-estado-da-bahia-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CARDOSO, C. P.; SILVA, Z. P. Por uma pedagogia feminista decolonial amefricanizada: práticas docentes nas encruzilhadas In: CARDOSO, C.; PONS, M. A. M. *Insurgências pedagógicas na educação básica*. Salvador: Devires, 2021, p. 17-34.

ELAS VIVEM: A CADA 4H UMA MULHER SOFRE VIOLÊNCIA. *Rede de Observatório da Segurança*, 2023. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br/violencia-mulher-feminicidio/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

FAGUNDES, T. C. P. C. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. *RBSH*, v. 34, p. 1-9, 2023.

IBGE: mulher tem peso importante no chamado "trabalho invisível". In: GANDRA, A. *Mulher tem peso importante no chamado trabalho invisível*. Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel>. Acesso em: 12 dez. 2022.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução de Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, p. 9-44, 2001.

JUNIOR, K. N. M. *Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no Ensino Médio*, 179 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPB, CE, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, 2022.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, S. A. I. Cultura escolar e imaginário. In: SOUZA; R. F. de; VALDEMORIN, V.T.(Orgs). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios da pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2005. p.141-155.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 263-276.

SEFFNER, F.; PICCHETTI, Y. P. A cultura escolar produz gênero mesmo quando fala dele. In: SILVA, I.R. da; NEVES, A. L. M.; CALEGARE, P. F. P. (Orgs). *Gênero, sexualidade e trajetórias de escolarização*. 1 ed. Salvador: Devires, 2022.

VIDAL, D. G. Cátedra de Educação Básica. *Minicurso Cultura Escolar e História da Educação*. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/xV_VTzIDpW4?feature=share

VILHENA, R. F. C. *Territórios heterotópicos: cartografia dos dispositivos de desejos nos banheiros escolares na*

cidade de Abaetetuba/PA, 112 f. Mestrado em Cidades: territórios e identidades instituição de ensino: Universidade Federal do Pará, Abaetetuba. 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9933060

Recebido em: 17/09/2023

Aprovado em: 07/12/2024